

CONSTRUÇÃO DE GRAMÁTICAS DESCRIPTIVAS

Maria Helena MIRA-MATEUS
Prof^a Catedrática Jubilada FLUL e ILTEC

1. A redação de gramáticas por linguistas: a experiência portuguesa
2. Gramáticas e recortes teóricos
3. Tipos de dados e fontes dos exemplos.

1. História: A primeira edição. O contexto de recepção da Gramática

Quando em 1983, foi publicada em Portugal, pela primeira vez, a *Gramática da Língua Portuguesa* da autoria de quatro mulheres linguistas, o conceito de gramática sofreu um abalo. Não era aquele o tipo de livros que se chamavam habitualmente *Gramáticas*. Apesar desta estranheza, recebemos na altura algumas reações interessantes de entre as quais retenho uma carta de felicitações de Paul Teyssier, uma outra de Eduardo Prado Coelho que dizia ter encontrado na obra coisas que não sabia, e que poderia aprender “de forma organizada e econômica”. Recordo também uma longa missiva de um professor de português da Universidade do Canadá (Toronto) que nos pedia para lhe mandarmos a *Gramática* a fim de ver se seria de alguma vantagem no ensino da língua portuguesa visto que, naquela cidade, o português “se falava muitíssimo mal (...) e se escreviam muitíssimas calinadas”. Este era o bom tempo em que as mensagens voavam em cartas de papel que, como estas, se podiam guardar carinhosamente durante várias décadas.

A ideia de construir a *Gramática* nasceu em 1980, quando foi publicado nos jornais pelo Instituto Português do Livro, ao tempo dirigido pelo António Alçada Baptista, um *Aviso aos Autores* em que se promovia “a elaboração e publicação de uma Gramática de Português

para o ensino da Língua Portuguesa, a nível universitário, em Portugal e no Estrangeiro”. Nessa altura as quatro linguistas e amigas que faziam investigação no quadro da Gramática Generativa – a Inês Duarte, a Ana Maria Brito, a Isabel Hub Faria e eu própria – resolveram concorrer com um projeto que definia assim o que pretendiam fazer:

- “a) apresentar uma descrição global e sistemática do Português que tente, pela primeira vez, uma sistematização da dimensão pragmática da língua e dos factores nela intervenientes” e
- “b) propor uma análise adequada e consistente das estruturas da língua a nível sintáctico, morfológico, fonológico e lexical”.

Era nossa convicção que uma gramática com estas características não podia ser uma obra individual mas exigia uma equipa que, no caso, tinha uma história de investigação em áreas especializadas. Só podia ser, como diz a Violeta Demonte num texto belíssimo sobre a nossa gramática, uma obra “coral ou polifónica”. A detalhada explicitação e a fundamentação do plano da obra foi convincente e o júri considerou que a proposta “continha importantes inovações teoréticas e didácticas” pelo que devia ser oficialmente apoiada. Assim nos lançámos na elaboração da obra. A primeira edição saiu a lume em 1983 na editora Almedina. A *Gramática da Língua Portuguesa* recebeu na altura o *Grande Prémio Internacional de 1982* atribuído pela Sociedade de Língua Portuguesa.

2. A segunda edição

A segunda edição da *Gramática* foi publicada em 1989 pela editora Caminho que até hoje detém aos direitos de publicação. Esta edição foi considerada por nós como uma recriação por termos introduzido modificações em quase todos os capítulos e, inclusivamente, por termos incluído um estudo inteiramente novo sobre morfologia lexical e derivacional, da autoria de uma quinta linguista, a Alina Villalva.

Na ocasião em que foi publicada esta segunda edição a imprensa pronunciou-se. Sob o título ”Língua portuguesa tem nova gramática” diz-se num jornal de 89: “Os estudantes universitários e os professores de Língua Portuguesa dispõem, desde ontem, de uma gramática que integra, pela primeira vez, *o português tal qual se fala*”. O tema com esta formulação foi glosado em outras publicações: ”Nova gramática da língua portuguesa tal qual se fala”, ”Gramática do português falado”, ”O português tal como é falado”, e ainda uma pequena nota do Diário de Notícias a propósito da 2^a edição:

“Nunca uma reedição foi tão oportuna. Sugere-se o envio urgente de uns quantos exemplares ao departamento de locutores não só da RTP mas também das numerosas rádios que por aí agora existem – e para as redacções de alguns jornais também, convenhamos. Anda por aí quem bem precise de lhe deitar uma olhadela, para aprender a falar e a escrever, de forma gramaticalmente correcta, a língua portuguesa”.

Ao olhar para o Prefácio da *Gramática* e para o seu conteúdo torna-se difícil entender por que foi a obra publicitada na imprensa como tratando do português *tal qual se fala*. A explicação mais óbvia tem que ver com as expectativas de quem encontra um livro chamado ”Gramática”. O frequentador de livrarias dirá ao deparar com ele: ”Aqui está uma obra que me vai dizer como devo falar e escrever corretamente”. Isto significa que um livro assim denominado é imediatamente identificado como uma ”gramática normativa”. E no entanto tivemos a preocupação de dizer nas palavras iniciais:

“A presente obra *não* é uma gramática normativa”. Queremos com isto dizer que *não* é um instrumento que assente ”no conceito de que a condição para falar

“bem” uma língua é consequência do conhecimento da sua gramática”. E mais explicitamente: “esta Gramática insere-se na linha das gramáticas que têm como objectivo principal o de descrever o modo como as línguas funcionam”.

Uma primeira explicação para as notícias da imprensa pode provir da confusão entre estes dois tipos de gramática. Mas existe uma outra justificação para se empregar a deliciosa expressão “O português tal qual se fala”. Se um possível utilizador teve algum tempo para folhear a obra, acreditamos que nessa “olhadela” foi encontrando muitos exemplos da língua oral (o português “tal qual se fala”) que não ocorrem habitualmente nas gramáticas do “bom” uso. Por exemplo:

- um grupo de frases com o mesmo significado apresenta mobilidade dos elementos que o constituem: “A Inês vai a Lisboa amanhã?”, “É amanhã que a Inês vai a Lisboa?”, “Amanhã é que a Inês vai a Lisboa?”,
- as interrogativas tag (termo pouco conhecido na época) são frequentes na língua oral: “Vocês lembram-se, não se lembram?”, “Vocês lembram-se, não é verdade?”, “Vocês lembram-se, não é assim?”, “Vocês lembram-se, não é?”, “Vocês lembram-se, não?”,
- as chamadas *expressões qualitativas*, que muitas vezes criamos na oralidade, são omissas nas gramáticas habituais: “O estúpido do rapaz saltou do segundo andar.” “Um amor de miúdo ofereceu-me uma flor.”, “Aquele cretino do guarda atirou dois tiros”.

Milhares destes exemplos que fazem parte do nosso quotidiano falar se encontram na *Gramática da Língua Portuguesa*. Eles são o miolo, e também o sal e a pimenta da *Gramática*. Eles são factos da realidade e obedecem ao princípio epistemológico formulado no prefácio da edição de 89, segundo o qual

“a ciência constrói os seus próprios objectos de análise a partir dos dados da realidade: a realidade é ilimitada e só existe para a ciência quando conceptualizada, teorizada e racionalmente sistematizada.

Assim se comprehende a necessária seleção que nesta obra se faz dos dados empíricos analisados, decorrente do nosso conhecimento e da observação da língua portuguesa, e da perspectiva teórica em que nos integramos”.

Ainda no mesmo prefácio, e vincando a ligação entre a obra e a investigação centrada no paradigma generativo,

“entendemos que o desenvolvimento teórico da linguística permite que sejam hoje considerados, na gramática de uma língua particular, objectos de análise que não eram habitualmente estudados, embora as hipóteses apresentadas para explicação desses fenómenos se encontrem ainda numa fase preliminar”.

Esta afirmação legitima uma apresentação da obra que saiu a público na época: “Notícia de uma Gramática enquanto Obra Aberta” em que o autor, ele próprio então linguista, afirma que se trata de uma Gramática que se distingue de todas as outras até agora existentes pelo facto de ter como objectivo fundamentador a apresentação do estado actual da investigação linguística sobre as regularidades específicas do Português”. (João Manuel Fernandes, RILP).

E por fim, lembrando as referências da imprensa à segunda edição da obra, não posso esquecer uma longa conversa publicada em 83 no Expresso, que, sob o título de *Uma questão de “gramática”* adiantava em epígrafe:

“Pode uma gramática considerada “indispensável” ser outra coisa que um manual utilitário para consulta de estudantes apressados ou jornalistas em crise de perícia sintáctica? Pode. É a nova “Gramática da Língua Portuguesa”.

Para realizar a segunda edição da *Gramática* refletimos sobre a recepção da obra e sobre a nossa própria experiência, e explicitámos mais demoradamente, no prefácio, os princípios fundamentais que nos orientaram. Julgámos de interesse fazer algumas afirmações teóricas e metodológicas que nos nortearam e se mantêm até à última edição, das quais destaco as seguintes:

- a importância do progresso científico que representa a teoria generativa para o esclarecimento das características definitórias da linguagem humana e das línguas particulares;
- a possibilidade de conjugar a descrição e a explicação do funcionamento dos sistemas dos vários níveis da língua, e a necessidade de considerar a inter-relação existente entre esses sistemas, adoptando em cada circunstância os modelos mais adequados;
- a convicção de que a análise gramatical, ao descrever as unidades básicas da língua, tem de tomar em conta “outros factores que intervêm na actividade linguística – em especial os objectivos comunicativos com que os falantes utilizam a língua”;

- em consequência, as frases devem ser consideradas no contexto linguístico em que são produzidas tendo-se em conta “o discurso, ou seja, todo o conjunto de frases bem e/ou mal formadas ou ambíguas, as pausas e, até, o próprio silêncio”.

Sempre foi nossa intenção colocar a *Gramática da Língua Portuguesa* na linha das gramáticas atuais que estudam uma língua particular e, simultaneamente, introduzem o leitor nos conceitos fundamentais da linguística. O percurso científico da linguística em que nos integramos orienta-se para o estabelecimento de princípios e parâmetros universais. Neste quadro teórico se insere a investigação que subjaz às propostas e análises em sintaxe e semântica, em morfologia e fonologia da *Gramática da Língua Portuguesa*. Uma gramática com estas características tem como objectivo não só fazer uma descrição do conhecimento que o falante tem da sua língua mas também propor uma explicação do funcionamento dos fenómenos analisados.

Resta dizer que a variedade da língua contemplada nesta obra é a norma padrão do português europeu, embora em muitas circunstâncias se indiquem características de outras variedades nacionais e geográficas e, sobretudo, variantes socioletais.

3. A Gramática publicada em 2003

Próximo do fim do século XX as autoras consideraram indispensável fazer renascer a *Gramática* tendo em conta o desenvolvimento da investigação própria nos últimos quinze anos, a pesquisa realizada por muitos colegas e investigadores, o progresso da linguística e a experiência de utilização da obra. Foram também ponderadas as críticas e sugestões surgidas durante este intervalo. O aumento da cobertura linguística, o aprofundamento das análises propostas para muitos fenómenos e a necessária reformulação da estrutura inicial levaram à integração de

outras linguistas no grupo de autoras. Assim se preparou a 5^a edição saída em 2003, em que colaboraram, nas áreas de semântica, sintaxe e prosódia a Fátima Oliveira, a Gabriela Matos, a Sónia Frota e a Marina Vigário.

O trabalho desenvolvido para esta edição assentou em três preocupações fundamentais: extensão da cobertura linguística, ênfase na descrição dos factos linguísticos e legibilidade do texto por um público mais alargado – o que implicou, neste caso, um cuidado quase pedagógico em muitas circunstâncias.

Como se diz no Prefácio desta edição, a reformulação a que se procedeu não pôs em causa os princípios fundamentais que orientaram desde o início a elaboração da *Gramática*; e os quadros teóricos em que assentam as análises realizadas. Eles possuem um poder explicativo satisfatório e sustentam investigações recentes sobre a língua portuguesa.

Com esta edição a *Gramática* renovou-se, cresceu e engordou (de 400 páginas passou a 1200), e por isso ganhou alguns apelidos (ou alcunhas). Ela é a “Bíblia” para os entusiastas da linguística, o “Tijolo” para os que carregam com ela, a “Gramática das Mulheres” para os homens que gostavam de ter sido convidados. Um pequeno inquérito junto dos jovens universitários indicou-me que a *Gramática* é obra de consulta obrigatória em certos cursos e com determinados docentes. Alargando o inquérito percebi que ela é estudada e consultada por investigadores e linguistas no seu trabalho de pesquisa – mas também entendi que, fora destes contextos, dificilmente serve de apoio, por exemplo, na preparação de aulas dos professores de português do ensino secundário. Isto é, depois do curso a *Gramática* não é utilizada pelos que a estudaram por paixão ou obrigação, visto que (como me foi dito) não se trata de um manual de consulta mas de uma obra de leitura para compreensão dos mecanismos da língua.

4. A Gramática da Língua Portuguesa na sua intimidade

O que contei até agora foi a história externa da obra. Nada disse da sua intimidade, não falei da sua estrutura, das opções feitas no desenvolvimento das diferentes partes, da forma como construímos o nosso objeto de análise a partir dos dados da realidade, selecionados e conceptualizados, enfim, não afirmei que é nossa convicção que trabalhámos a gramática como uma área da ciência.

Permita-se-me que faça um pequeno excuso justificativo dessa convicção. Começo por definir sucintamente o que entendo por ciência: uma forma de conhecimento com que se pretende explicar o que vulgarmente denominamos ‘o real’, elaborada essa explicação de tal modo que seja possível a sua validação.

É indubitável que o conceito actual de ciência exige a construção de uma teoria que permita (a) representar formalmente as estruturas, as relações e as funções dos elementos que constituem o objecto a analisar (neste caso, a língua portuguesa), (b) formular hipóteses explicativas do funcionamento desses elementos e (c) proceder à verificação da validade das hipóteses formuladas. A todas estas condições uma teoria formal responde mais satisfatoriamente do que outros modelos, dadas as suas capacidades de generalização e de verificação dos resultados das hipóteses formuladas. Esta é uma razão por que a apresentação das explicações formalizadas que incluímos na *Gramática* têm, do nosso ponto de vista, um carácter científico. Julguei de interesse apresentar as partes constitutivas da obra e, aqui e além, exibir uns quantos exemplos para esclarecer afirmações e, quem sabe? entusiasmar os ouvintes.

A primeira parte da Gramática é essencialmente descritiva. Ela fala da variação do português no tempo caracterizando brevemente os períodos da história da língua. Apresenta a variação no espaço e, de forma sumária, contrasta as duas variedades nacionais – português europeu e brasileiro – e caracteriza diferenças dialetais, mostrando que a variação é testemunho significativo da vitalidade da língua.

Olhada de outro ponto de vista, a variação, e a mudança que dela decorre, são consequência do uso interactivo e dos objetivos comunicativos do discurso linguístico, do conhecimento partilhado pelos falantes de uma língua e do contacto constante com outras línguas e culturas. Os atos ilocutórios, peça essencial do uso da língua no estudo do discurso, são um dos fulcros da comunicação, e a sua análise foi introduzida na segunda parte da *Gramática*. Eis alguns exemplos de atos ilocutórios:

Os atos assertivos

Loc 1 - Achas que o Pedro vai chegar a horas?

Loc 2 - *Claro!*

Necessariamente!

Por que é que não há-de chegar?

Se ainda é o mesmo que eu conheci...!

O quê, o rei faz anos?

Os atos compromissivos

Juro dizer a verdade.

Tenciono passar aí por casa amanhã.

Os atos diretivos

- com verbos modais

Não é verdade que não se deve dar ouvidos a tolos?

Não achas que tens de comer a sopa toda?

Não sabes que não podes espreguiçar-te à mesa?

- com verbos declarativos

Não te disse para teres cuidado com o fogo?

Quantas vezes te proibi de gritar à frente das visitas?

Os atos expressivos

Agradeço-te a visita de ontem à tarde.

Congratulo-me com a vitória de Rosa Mota.

Pego desculpa por telefonar a esta hora.

Deploro as tuas atitudes machistas.

É ainda na Parte II da Gramática que se estudam as ligações internas dos elementos do texto e as formas como os falantes as manipulam. O capítulo sobre coesão textual e temporal conectividade conceptual, a que se acrescenta a estrutura temática e informacional do discurso, permite a compreensão do que transmitimos quando falamos e como o fazemos. Coesão interfrásica, o uso dos conectores, a omissão intuída são meios de que nos servimos para construir o texto e transmitir informação, são meios subtis de que não temos consciência. Os exemplos são longos e representativos da organização textual, e por isso o capítulo indica um grupo de fontes literárias e ensaísticas em que o texto é o objeto de análise (a *Ode Marítima* de Álvaro de Campos ou *Direitos Humanos e Revolução* de Soromenho Marques são algumas dessas fontes).

É na terceira parte que se estudam os aspectos semânticos da gramática do português. O tempo e o aspeto (ou modo de ação, *aktionsart*), a modalidade e o modo, e as múltiplas feições semânticas que adquirem estas categorias na utilização das formas verbais são alguns dos capítulos da gramática que têm recebido mais visitas.

Outros pontos desta terceira parte mostram a necessária combinação de análises sintáticas e semânticas, como a predicação e os predicadores verbais em que se inclui a estrutura argumental e os papéis temáticos (ou papéis semânticos), que têm sido um *must* nas modernas gramáticas (a propósito destas questões não posso deixar de referir a importância da Gramática Simbólica de Óscar Lopes, publicada em 72 e de uma extraordinária argúcia nas análises apresentadas).

No exemplo seguinte, em que se contrastam frases gramaticais com agramaticais, observa-se como a sintaxe e a semântica interagem por vezes na análise linguística. Essa interacção é necessária para explicar a agramaticalidade das frases de (b) que resulta de não terem sido respeitadas na construção sintática as propriedades de seleção semântica dos verbos:

- (a) [_{SN}O criminoso] assassinou [_{SN} três automobilistas].
- (b) [_{SN}A trovoada] assustou [_{SN} as crianças].
- (c) [_{SN}O João] pôs [_{SN} o livro] [_{SP} na estante].
- (a) *[_{SN}*A tempestade*] assassinou [_{SN} três automobilistas].
- (b) *[_{SN}A trovoada] assustou [_{SN} *o telhado*].
- (c) *[_{SN}O João] pôs [_{SN} o livro] [_{SP}*para* a estante].

Também na referência nominal encontramos união entre sintaxe e semântica, como nas operações de pluralização, ou de quantificação, quando estão em causa nomes contáveis e não contáveis

- (a) Bebi *vinho* ao jantar.
- (b) Bebi *pouco vinho* ao jantar.
- (c) Bebi *um copo de vinho* ao jantar.
- (d) Bebi *um decilitro de vinho* ao jantar.

Vinho é um contínuo mas pode extrair-se dele uma porção ou quantidade. Mais difícil é estabelecer a concordância verbal em frases como as seguintes se não se entender “um bando” ou “um grupo” como um conjunto com propriedades semânticas que o tornam singular ou se se entender apenas uma parte do sintagma que leva à pluralização.

- (a) Um bando de pássaros passou (passaram) no ar
- (b) Um grupo de crianças começou (começaram) a gritar.

A quarta parte, a mais extensa do livro, trata dos aspectos sintáticos da gramática do português. Relações gramaticais, esquemas relacionais, categorias sintagmáticas, lexicais e funcionais, estruturas e a sua representação em árvore, todos os tipos de orações e de construções são analisados pelo grupo das sintaticistas sem apelo nem agravo. Quer isto dizer que nada ficou de fora neste estudo da sintaxe do português.

Todos sabemos que é característica da gramática generativa a utilização de uma formalização exigente e esclarecedora das análises realizadas. É nestas seiscentas páginas que essa formalização faz uma certa aparição sob o modo de esquemas, árvores e diagramas vários. Mas se se comparar esta edição com a anterior, é evidente a simplificação que se procurou – e que se conseguiu – na representação das análises. Dificilmente uma gramática pode tratar, de forma tão extensa e aprofundada, as inter-relações frásicas, as categorias sintáticas, as estruturas de coordenação e subordinação, as construção de graduação, negação e comparação, o uso e a diferente natureza dos clíticos, a tipologia das construções elípticas e o estudo da anáfora e das expressões anafóricas. Não podemos esquecer, aliás, que a sintaxe tem lugar de honra no quadro teórico em que trabalhamos.

Não posso deixar de incluir alguns exemplos desta parte imensa da gramática.

Todos lembramos os testes de depreensão das relações gramaticais.
Como se determina o Sujeito?

- (i) Substituição pelo pronome tónico
 - (a) [O miúdo que está a jogar à bola]_{SU} comeu um gelado.
 - (b) [*Ele*]_{SU} comeu um gelado.
 - (c) *[*Ele*] que está a jogar à bola comeu um gelado.
- (ii) Construção de uma estrutura clivada
 - (d) Foi [o miúdo que está a jogar à bola] que comeu um gelado.
 - (e) *Foi [o miúdo] que que está a jogar à bola comeu um gelado
- (iii) Construção de uma estrutura pseudo-clivada
 - (f) Quem comeu um gelado foi [*o miúdo que está a jogar à bola*].
 - (g) *Quem que está a jogar à bola comeu um gelado foi [*miúdo*].

- (iv) Formulação de uma interrogativa sobre o sujeito
- (h) P: Quem comeu um gelado?
 R: [O miúdo que está a jogar à bola]_{SU}.
- (i) P: *Quem que está a jogar à bola comeu um gelado?
 R: [O miúdo].

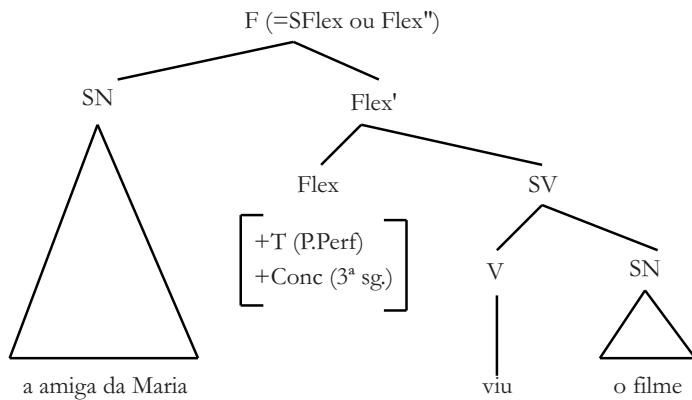
Um outro tipo de exemplos que mostra a mobilidade dos elementos dentro da frase é o seguinte com que se torna evidente que o Síntagma Preposicional não é geralmente separável do núcleo:

- (a) O pai da Maria chegou.
- (b) Chegou o pai da Maria.
- (c) *O pai chegou da Maria.
- (d) *Da Maria chegou o pai.

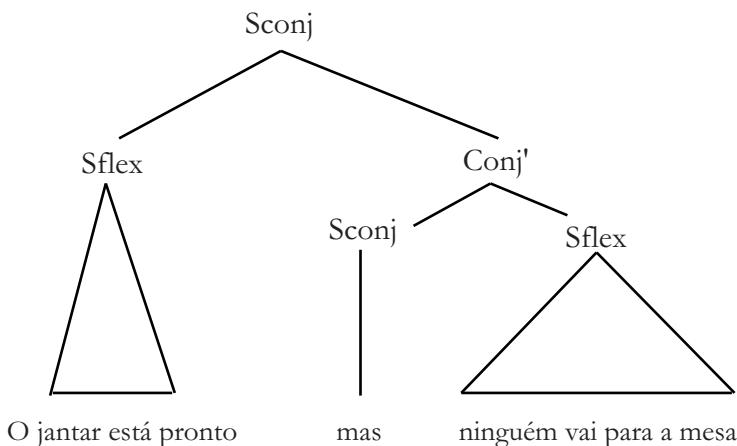
Mas também este síntagma pode ser topicalizado e, então ocorre no início da frase:

- (a) De seda, comprei uma camisa; de algodão, duas.
- (b) De história, comprei alguns livros; de matemática, só três.

As representações que incluem o verbo com a sua flexão são mais complicadas, como se vê no exemplo seguinte (*Flex* representa os traços da flexão; *Conc* são os traços de concordância):



Para terminar este conjunto de exemplos, veja-se a representação de uma coordenação de orações (um sintagma conjuncional) com a conjunção adversativa:



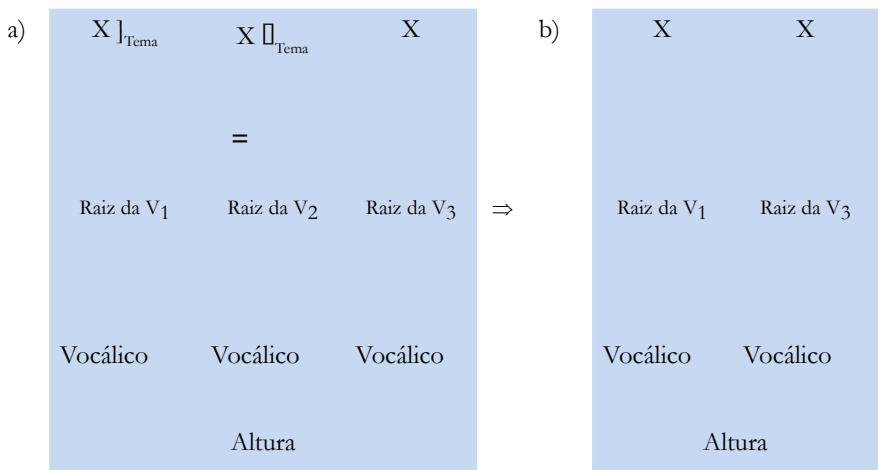
Ficou por apresentar uma enorme quantidade de construções, todo o estudo das elipses, a sintaxe das negativas, os pronomes clíticos, e mais não direi porque julgo que a curiosidade pode levar algum ouvinte a espreitar (ou consultar, ou estudar) esta consistente parte da *Gramática da Língua Portuguesa*.

Mas as análises não se quedam na frase: a morfologia também tem o seu lugar e constitui a quinta parte da Gramática. Os constituíntes internos da palavra – a estrutura morfológica básica – e a flexão nominal e verbal introduzem a formação de palavras por afixação, uma área que não tem tido suficientes cultores mas sem a qual não se pode levar a efeito uma análise lexical esclarecedora e produtiva. Esta parte da Gramática é a que mais se aproxima das gramáticas tradicionais, tem uma organização transparente, é de fácil consulta e muito rica em dados no que respeita à flexão nominal e verbal. No capítulo sobre formação de palavras estão incluídos inúmeros afixos com que construímos em português a derivação e a sufixação avaliativa, negativa, opositiva, quantificadora. A composição morfológica e morfo-sintática tem uma explicação em que se reconhecem princípios já referidos nas partes da gramática atrás apresentadas.

Chegamos por fim aos aspectos fonológicos e prosódicos da gramática do português. Os segmentos fonológicos – as mais pequenas unidades da língua – e a sua distribuição em superfície são tratados com instrumentos da linguística estrutural. O mesmo não pode dizer-se quanto à sua organização em sistema e aos processos e regras a que estão sujeitos.

A fonologia tem sido objeto de análises que permitiram um progresso na teoria e na metodologia da gramática generativa. A utilização dos conhecimentos em fonética – que provêm do período experimental nesta área – deu origem aos traços fonológicos que identificam os segmentos, os quais são manipulados de acordo com os princípios da teoria generativa. Nos últimos anos, na sequência da teoria autosegmental, desenvolveu-se o modelo da geometria de traços e o princípio da subespecificação que permitiram, na gramática do português, encontrar soluções elegantes e convincentes para as questões postas pela estrutura interna da sílaba e para a alternância vocálica na flexão verbal do português. Entendendo a existência de um segmento flutuante na estrutura fonológica subjacente, é possível explicar essa

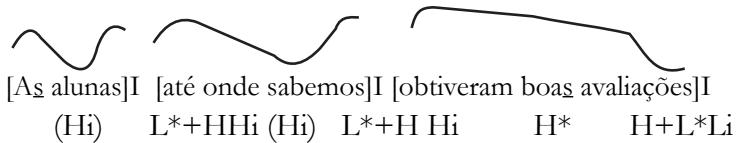
alternância como uma consequência da harmonização vocálica com a vogal temática dos verbos. A representação deste processo sobre uma forma de base como dev+e+o (*dervo*) faz-se no exemplo seguinte:



A vogal temática é suprimida e o seu traço de altura fica a flutuar (como o gato da Alice, o gato Cheshire que desaparece ficando apenas o seu sorriso). A altura vai projetar-se na vogal₁ que é a vogal do radical.

É também dentro do modelo da fonologia generativa que se pode explicar a diferença entre a estrutura silábica da mesma palavra nas duas variedades, europeia e brasileira, de que são exemplo *pneu/pineu*, *absurdo/abisurdo*, *captar/capitar*.

As últimas análises da *Gramática* incidem sobre a prosódia e os seus constituíntes, e estudam, como dizia Coelho de Carvalho, “a melodia da fala”. Recém chegada à linguística, a prosódia apropriou-se dos traços que a identificam, e que são conceptualizações de propriedades inerentes ao som como o tom, o acento e a duração. A distribuição das proeminências sonoras permite apreender aspectos semânticos, sintáticos e morfológicos do discurso pela relação que estabelecem entre si os tons, a duração e as pausas, como se pode observar na seguinte representação:



Termino assim este longo passeio pela *Gramática da Língua Portuguesa* em que integrei, não poucas vezes, a expressão do meu entusiasmo pelo trabalho que realizamos, retomando as últimas palavras do prefácio das primeiras edições:

“As descrições feitas, as hipóteses propostas e as soluções encontradas não se consideram de modo algum definitivas. Foi nosso objectivo e é nosso desejo que elas sejam entendidas como ponto de partida para a realização de trabalhos futuros em que outros linguistas (e nós próprias), ao retomarem as hipóteses aqui apresentadas, venham a demonstrar a sua pertinência ou a sua inadequação”.